

UMA LEITURA TEÓRICA DA DINÂMICA DAS CRISES DO CAPITALISMO DEPENDENTE E OS DESDOBRAMENTOS SOBRE A ACUMULAÇÃO

Daniel Guzzo Moratti¹

Resumo

Diante das leis tendenciais do capitalismo dependente, as formas que as crises se manifestam diante das trocas desiguais no mercado mundial fazem com que o capital utilize de uma superexploração da força de trabalho enquanto meio de compensar a perda de valor nas trocas internacionais. Assim, as crises são resultado das contradições internas do capital, sendo, deste modo, a irrupção da contradição presente nas esferas da produção e circulação e, simultaneamente, o estabelecimento da unidade presente entre essas fases. Ante o capitalismo contemporâneo, há uma reestruturação nas formas produtivas do capital, tendo como umas das principais consequências desse processo um aumento da superexploração da força de trabalho e um acirramento da dependência, em que resulta progressivamente em mais superexploração e dependência.

Palavras-chave: Valor; Crises; Acumulação; Superexploração; Dependência; América Latina; Marx

Abstract

Faced with the tendential laws of dependent capitalism, the forms that crises manifest themselves in the face of unequal trade in the world market make capital use of a superexploitation of the labor force as a means of compensating for the loss of value in international exchanges. Thus, crises are the result of the internal contradictions of capital, and thus the irruption of the contradiction present in the spheres of production and circulation and, simultaneously, the establishment of the present unity between these phases. Faced with contemporary capitalism, there is a restructuring in the productive forms of capital, having as one of the main consequences of this process an increase in the superexploitation of the labor force and a deepening of dependence, in which progressively results in more superexploitation and dependence.

Keywords: Law of Value; Crisis; Accumulation; Superexploitation; Dependence; Latin America; Marx

1. INTRODUÇÃO

O estudo das crises na economia capitalista se mostra de extrema importância quando se pode aproveitá-la e usá-la a fim de entender as formas de desenvolvimento e expansão do capitalismo; mas não somente, em virtude de sua questão dialética, a crise serve tanto para explicar quanto para ser explicada a partir do elemento essencial no capitalismo: a produção de valor. Dessa forma, o objetivo único e central do capital é gerar valor e mais-valia, momento este em que cria as devidas condições para a crise capitalista, que pode se manifestar através de múltiplas formas, como por intermédio da tendência à queda da taxa de lucro, superprodução, subconsumo e dificuldades

¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Contato: danielgmoratti@outlook.com

crescentes de realização da produção. É evidente que o capital não objetiva atingir a situação de crise, embora ele seja atingido de uma forma ou de outra à medida que se desenvolve, pois não há capitalismo sem crise. O capitalismo é a própria crise em sua essência.

A partir de uma análise das crises do capital, Amaral (2012), ao destacar a primeira crise do modo de produção capitalista, conhecida como a Grande Depressão, do final do século XIX, relata que “os processos de concentração, alteração dos métodos de produção e expansão territorial nascem da depressão e eles próprios provocam a sua superação, levando à reversão cíclica que dá origem ao *boom* pós-1890, período no qual se verifica importante crescimento da massa produtiva industrial [...]”. A partir do exposto, pode-se observar que à medida que o capital cria suas condições de crescimento e expansão, paralelamente ele sustenta cada vez mais o cerne da crise capitalista que carrega em si, embora não sendo possível de ser vista, mas que, quando exposta, pode assumir diferentes formas de manifestação do fenômeno. Pode-se, portanto, depreender as crises como um intenso fortalecimento das tendências gerais do capitalismo e das contradições internas emitidas a partir do seu desenvolvimento - que se dá tanto pela busca do valor quanto para superação das próprias crises - e ao mesmo tempo uma característica inerente a esse sistema produtivo.

Ademais, vê-se como ele é capaz de inovar, recriar as formas de extração do valor e superar, ainda que parcialmente, os momentos de crise, seja ela conjuntural ou sistêmica - estrutural. Ao estabelecer uma nova dinâmica, o capital ganha resistência concomitantemente à sua vulnerabilidade, ou seja, pode alterar os períodos que a crise o atingirá novamente, podendo ela ser curta e intensa ou longa e relativamente suave, caracterizando novos ciclos de produção de valor e que, por fim, o capital se beneficiará por meio de um fenômeno que lhe prejudica.

O presente artigo analisará teoricamente as economias dependentes latino americanas, por meio da Teoria Marxista da Dependência² (TMD), a fim de investigar as crises cíclicas ao modo de produção e que dinamiza a produção de valor à sua própria maneira, cuja remuneração do capital estrangeiro, usado para financiar o ciclo de produção, é enviada ao exterior. Isso significa que há uma subordinação ao centro do capitalismo e o excedente da produção dessas economias - periféricas - é obtido por variados meios, onde é empregado diferentemente no mercado mundial³, apontando então o ciclo de reprodução do capital dependente com movimentos próprios e que afetam o regime de acumulação local e global, de modo a atingir a manifestação das crises.

² “Teoría marxista de la dependencia es el término por el que se conoce la visión que interpreta, con base en la teoría de Marx sobre el modo de producción capitalista, en la teoría clásica del imperialismo y en algunas otras obras pioneras sobre la relación entre el centro y la periferia de la economía mundial, la condición dependiente de las sociedades periféricas como un desdoblamiento propio de la lógica de funcionamiento de la economía capitalista mundial. Esa teoría fue constituida y tuvo su auge en los años 60 del siglo pasado. A partir de ese momento, por variadas razones, fue completamente olvidada no sólo por la teoría social hegemónica, sino también por buena parte de la tradición más crítica del pensamiento social.” (Carcanholo, p.59, 2017)

³ Categoria difundida por Marx ao estudar o sistema capitalista por completo, isto é, é uma categoria na forma mais concreta na sociedade capitalista e, portanto, mais concreta. “A categoria mercado mundial [...] é a forma mais concreta das leis gerais do modo de produção capitalista” (Saludjan et. al, 2015)

Não somente o capital estrangeiro, mas outra característica⁴ de extrema importância às economias dependentes é a utilização da superexploração da força de trabalho. Essa é uma categoria que explica as transferências de valor que o capital nacional, em suas diversas trocas com o mercado mundial, perde valor e precisa de um método para “recuperar” parte da mais-valia perdida, de modo a aprimorar as condições do padrão de acumulação e reprodução do capital.

A Teoria Marxista da Dependência teve sua origem na década de 1960 e contou, em sua primeira fase, com Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos como seus principais expoentes. Na década seguinte, a economia capitalista mundial passava por grandes fenômenos que atingiram fortemente a forma da organização produtiva do modo de produção, bem como a quebra do sistema monetário internacional. Por consequência, na década de 1980 ocorreu o fenômeno da grande dívida externa em diversos países e, concomitantemente, embora não em razão dessa dívida, verificou-se o processo da queda da taxa de lucro em nível global, sendo um grande apontamento para as crises capitalistas e como uma tendência em meio às “vocações” do capitalismo. Sobre diversos estudos, pôde ser observado o fenômeno da Lei Tendencial da Queda da Taxa de Lucro após o final da década de 60 e que teve um quadro de ascensão após a década de 80, resultado este obtido a partir da nova forma de acumulação que o próprio capitalismo elaborou, ou seja, após passar pelo processo de reestruturação produtiva e mudança das bases de acumulação, como meio para enfrentar sua crise estrutural.

A mudança no padrão do sistema monetário internacional e a intensa globalização que já tomava conta do sistema econômico mundial já traziam o caráter financeiro ao modo de produção capitalista, ao mesmo tempo em que ocorria a autonomização das formas que o capital assume, como meio para diminuir o tempo que o capital levava para produzir, assim como para realizar o valor na esfera da circulação. Isso, evidentemente, muda as formas de extração de valor em todo o globo capitalista e, o mais crucial, o regime de acumulação do capital, alterando também o ciclo que o capital produtivo conduz, agora juntamente do capital fictício, afetando as formas que a crise se manifesta no capitalismo contemporâneo.

2. A TEORIA DA DEPENDÊNCIA MARXISTA

2.1 A inserção da América Latina no mercado mundial

A Teoria Marxista da Dependência toma o campo teórico do marxismo enquanto instrumento de análise para o subdesenvolvimento, sobretudo o latino americano, de modo a ignorar todas as

⁴ Carcanholo (2017) destaca em sua obra a importância do resgate crítico que, segundo ele, significa uma reavaliação para os principais pontos sobre a TMD, ele destaca: “el centro y la periferia como elementos contradictorios de una misma unidad dialéctica, el capitalismo mundial; identificación de los condicionantes estructurales de la dependencia; necesidad de articulación dialéctica de estos condicionantes con distintas especificidades coyunturales; rol central de la superexplotación de la fuerza de trabajo”

formas comuns e tradicionais de análise do desenvolvimento que a interpretação weberiana⁵ utiliza. A TMD⁶ busca analisar, a partir de o que Marx propôs sobre o capitalismo a nível mundial, em *O Capital*, como as leis gerais do funcionamento do capitalismo se aplicam à realidade e especificidades da América Latina, dada sua inserção no Mercado Mundial, sua dependência e subordinação⁷ a outras nações, investigando como ela colabora com a acumulação de capital a nível global. Saludjian et al. (2015, p. 5-6) reforçam o desenvolvimento das leis tendenciais a nível mundial

As distintas formas de inserção de cada economia/região, se influenciando a dinâmica da acumulação mundial, ou tendo que responder dialeticamente a essa mesma dinâmica, é que definem o caráter imperialista ou dependente das diversas economias. Os distintos níveis de desenvolvimento capitalista de determinadas economias são consequência da forma desigual e combinada com que as leis gerais do modo de produção capitalista se apresentam em determinado momento histórico.

Dessa forma, se seguimos aqui a ideia de Marini, proposta em sua obra *Dialética da Dependência*, entenderemos que a dependência que certas nações carregam é uma condição para continuar gerando ainda mais dependência, principalmente quando se observa o desempenho da economia global, isto é, se ela está em fase de crescimento ou crise - conjuntural. Carcanholo (2017) faz uma importante observação a respeito do cenário externo, já que a economia dependente está inteiramente integrada às relações do mercado mundial. Dessa forma, se essas relações são favoráveis, isto é, se “la economía mundial está creciendo y con facilidades en la obtención de crédito internacional, existe como tendencia un margen más amplio de maniobra para que las economías dependientes contrarresten - pero sólo eso - los condicionantes estructurales de su dependencia”. Isso nos remete à situação que se encontra o crescimento da economia mundial, de tal modo que “se os elementos conjunturais externos se agravam - em um cenário de crise mundial aguda, como a que vivemos neste momento, por exemplo - a condição estrutural dependente se agudiza” (Carcanholo, p. 88, 2017. Tradução nossa). Ignorando o fato de que há oscilações cíclicas na economia mundial, em razão das alterações conjunturais, há de se observar que a própria estrutura em que a dependência foi criada existe uma obrigação no que tange à contínua superexploração da força de trabalho com o intuito de que dinamize a produção interna.

⁵ [...] la teoría weberiana no es exitosa en esto. La noción clásica de desarrollo es heredera de una tradición positivista, con alguna influencia del moralismo, que ve en el curso de la historia la posibilidad de una trayectoria casi lineal de una situación “peor” a otra “mejor” - un verdadero progreso -, atribuyendo a esa posible trayectoria el término *desarrollo*. [...] No existe, por tanto, ninguna concepción de una trayectoria de lo “peor” a lo “mejor”, dado que el desarrollo de las leyes implica la mayor complejidad de todas las contradicciones propias de esa formación histórica específica (Carcanholo, p.70, 2017)

⁶ Uma das primeiras obras a dar início ao debate que origina a Teoria Marxista da Dependência foi o texto de Ruy Mauro Marini, intitulado *Dialética da Dependência*. Por meio do rigor teórico e metodológico que tal autor utiliza para tratar da questão da economia dependente latino americana, Carcanholo considera tal obra “como um guia [...] para entender as especificidades da condição dependente contemporânea.” Ver referências.

⁷ Subordinação, nesse caso, refere-se à economia, no caso a América Latina, que não possui autonomia em suas decisões de produção.

Esta respuesta a la creciente transferencia de su (plus)valor producido genera, como consecuencia, la distribución más concentrada de los ingresos y de la riqueza, así como el empeoramiento de los problemas sociales. Ésta es la articulación de los componentes de la dependencia que definen la posibilidad del desarrollo capitalista en esas regiones CARCANHOLO, p. 88, 2017

Quando se pesquisa a história dessas nações, desenvolvidas e subdesenvolvidas, entende-se que a subordinação que tais nações dependentes possuem foi o motor do desenvolvimento dos países europeus, dada toda a troca de produtos, recursos, máquinas, mão-de-obra, permitindo, segundo Marini, “aprofundar a divisão internacional do trabalho e especializar os países industriais como produtores mundiais de manufatura”, desenvolvendo também, portanto, o mercado mundial e o sistema produtivo de modo geral.

Dessa forma, utilizando do mecanismo teórico marxista para fazer essa análise, há importantes questões metodológicas que aqui são consideradas de suma importância. A questão da historicidade remete à importância dos fatos e momentos históricos, com origem e fim; as diferentes manifestações das leis tendenciais, que possuem enquanto um objeto final e ao mesmo tempo resultado da busca do valor, que é a acumulação capitalista. Concomitantemente, a respeito da dialética marxista, Carcanholo (2017) mostra que “la noción desarrollo significa el desarrollar contradictorio, dialéctico, de la leyes de tendencia del modo de producción capitalista” e ainda defende, assim como nós, que o processo de acumulação em escala global, proposto pela TMD, se trata de uma unidade dialética entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento.

A relação entre as economias no mercado mundial e, na maioria das vezes, seu histórico de produção de valor, mercadorias e níveis de produtividade é o que as colocam na sua situação de interdependência, que faz parte das formas da divisão internacional do trabalho. Dessa maneira, podemos entender a dependência⁸ enquanto uma subordinação de nações àquelas que possuem vantagens econômicas⁹ e, portanto, tal subordinação é um dos elementares meios que elas possuem para se desenvolver. Seguindo outra tese, esta composta por Paz (1981), definimos a dependência mais especificamente como uma

[...] matriz de relaciones de dominación concentrada de excedentes, que lleva implícita la transferencia de los centros de decisión en materia tecnológica, comercial, etc. Este sistema de relaciones de dominación sufre cambios cualitativos con las modificaciones que se dan en el capitalismo desarrollado, y con las condiciones específicas que predominan en la periferia, las cuales, a su vez, están siendo modificadas por las propias relaciones de dependencia y dominación.

As relações que a dependência possui com outras nações se alteram a todo o tempo dentro do modo de produção capitalista, condicionando as economias periféricas a moldes econômicos, políticos e sociais específicos. Conforme Carcanholo (2017), “subdesarrollo no es sino una parte necesaria del

⁸ Carcanholo (2017) considera a dependência como uma “exploração” de determinado país por outro. “[...] la situación de dependencia es promovida por un desarrollo desigual y combinado de las leyes de funcionamiento del capital en distintas partes del mundo”

⁹ A exemplo, monopólios, grandes capitais financeiros oligopolistas internacionais, tecnologia, etc..

proceso de expansión del capitalismo mundial, no pudiendo, por tanto, ser “superada” dentro de sus marcos”, ou seja, ainda que subdesenvolvimento e dependência sejam situações diferentes, uma nação pode ser subdesenvolvida e também dependente, traduzindo isso na periferia do capitalismo. Se há uma dominação na relação centro-periferia, tal dominação está posta estruturalmente, então, há uma condição de extração do excedente¹⁰ de forma acentuada devido a uma submissão das economias dependentes às dominantes. Se assim acontece, então temos um processo de concentração¹¹ no interior das economias dependentes, isto é, o método de acumulação que o capital requer para o processo da reprodução em escala ampliada no centro capitalista - dada suas dinâmicas, essa reprodução acontece em forma diferente da periferia, uma vez que a periferia, em sua condição no mercado mundial, corrobora com tal processo.

2.1 Troca Desigual e Transferência de Valor

Foi destacado anteriormente um pouco de fatores metodológicos importantes ao estudo da TMD e também de algumas características que as economias dependentes assumem ao se inserirem no mercado mundial, isto é, a partir do momento que se inseriram na divisão internacional do trabalho. Partindo para alguns dos condicionantes estruturais que tais economias possuem, entenderemos, primeiramente, que na periferia do capitalismo, apesar da posição geográfica, produz valor normalmente como em qualquer outro lugar que há capital, ou seja, ainda que se situe dentro do capitalismo, o objetivo da produção é gerar valor, mais-valia - lucro, na esfera da circulação.

Como características da relação centro vs. periferia, sabe-se que o centro, superior em diversas instâncias, sobretudo tecnológica, possui maiores aportes para aumentar a produtividade, em nível da concorrência mundial; sendo assim, os países situados no centro capitalista são capazes de terem uma maior composição orgânica do capital, produzir e exportar máquinas e equipamentos com maior progresso técnico, e estes se destinam, na maioria das vezes, para a periferia.

Em Carcanholo (2017), observamos que ele trata a dependência tecnológica como um ponto chave no que tange às características específicas da dependência e infere que “el significado de esto es que el desarrollo de las fuerzas productivas, en términos medios, tiende a ser inferior en las economías dependientes, reforzando los mecanismos de transferencia de valor”.

Nas palavras de Marini (2012), há um “desnível tecnológico existente entre os países avançados e os dependentes” mostrando que isso influencia fortemente no processo concorrencial, ainda mais quando a forma das forças produtivas é quem determinará as condições do ciclo de reprodução do

¹⁰ “Se usa el concepto de excedente, no como reemplazo del concepto de plusvalía, sino por parecer más idóneo para el análisis y explicación del fenómeno.” (Paz, p. 67, 1981)

¹¹ Segundo Marx, a centralização difere-se da acumulação e da concentração e diz que “o progresso de centralização não depende, de nenhum modo, do crescimento positivo da grandeza do capital social. E especialmente isso diferencia a centralização da concentração, que é apenas outra expressão para a reprodução em escala ampliada”.

capital e também da acumulação para cada região, principalmente no que diz respeito à divisão do valor excedente do trabalho. Consideremos o seguinte exemplo de Marini

Analisemos o efeito da introdução de tecnologia nova no país dependente, considerando dois capitais individuais: A, correspondente a um capitalista estrangeiro que opera, suponhamos, no ramo de produção de sapatos; e B, representativo de um capital interno que atua nesse mesmo ramo. A pode trazer equipamentos e métodos de produção em relação a B, que produz em condições tecnológicas médias. Entretanto, apesar de produzir com custos menores, A venderá sua mercadoria pelo preço estabelecido ao nível de produção do capitalista B, ou seja, do que opera em condições normais de produção. Por consequência, embora A venda ao mesmo preço de mercado, seu lucro será maior que o de B devido à diferença do custo de produção. (MARINI, 2012, pp. 28-29)

Vejamos: como o capital A, advindo de um país dominante¹², é capaz de inserir na produção equipamentos mais avançados tecnologicamente, ele consegue produzir abaixo do valor médio para uma mercadoria X qualquer. Isso nos mostra que a diferença entre o valor médio – ou preço de produção – e o custo que ele obtém para produzir, resulta da implementação de uma tecnologia superior, a qual é responsável por diminuir o tempo de produção em cada mercadoria, não alterando a quantidade de valor incorporado, contudo consegue extrair uma mais-valia além daquela que produziu, portanto, uma mais-valia extra, dado seu diferencial em produtividade¹³. Como há essa diferença, o capitalista venderá ao preço médio para obter uma maior taxa de lucro.

O lucro maior de A é, por conseguinte, um fenômeno normal, correspondente à transferência de valor no interior do ramo de sapatos. O problema não reside ali, mas sim no fato de que o lucro diferencial ou extraordinário de A dificilmente pode ser anulado por um esforço de B para, elevando sua composição orgânica, seu nível tecnológico e a produtividade do trabalho que emprega, igualar o custo de produção que A tem. (MARINI, 2012, p.29)

Sinteticamente, o exemplo nos mostra a diferença nos níveis de produtividade - capacidade tecnológica -, a qual possui como resultado uma troca desigual ou transferência de valor¹⁴. Apesar de o exemplo se tratar de capitais individuais dos pólos de produção do capitalismo, podemos entender a nível mundial para países e que essa transferência parte das “nações desfavorecidas”, as quais vendem abaixo do preço de produção médio e “devem ceder gratuitamente parte do valor que produzem”, isto é, os países centrais - “favorecidos” - se apropriam dos valores que essas sociedades perdem nas trocas internacionais¹⁵. O ponto mais importante a se expor aqui é que o

¹² “[...] la tasa de crecimiento de la producción generada en las empresas de capital extranjero, directa o indirectamente a través de la venta de licencias, patentes y marcas de fábricas, tiende a crecer mucho más rápidamente que la producción de origen estrictamente nacional.

¹³ “[...] cada uno de los capitales posee valores individuales distintos, tanto menores cuanto mayor sea la productividad del capital en cuestión”.

¹⁴ “Embora o termo ainda não seja o ideal, *transferência de valor* permite entender o fenômeno melhor que troca desigual. O que é sobre entender é a dialética entre a produção do valor e a apropriação do valor pelos distintos capitais, em função de distintas produtividades e pela força da concorrência, dentro de setores específicos e/ou os diversos setores da economia” (Carcanholo, p. 78, 2017, tradução nossa)

¹⁵ Cf. Marini, 2012

valor apropriado pelo capital A de nosso exemplo irá para seu país de origem e corroborar lá com o processo de reprodução e acumulação de capital.

Carcanholo (pp. 78-80, 2017) mostra, através de Marini, que há três formas de explicar o segredo da troca desigual, embora a terceira não seja citada diretamente pelo próprio Marini, ela pode ser compreendida, de tal forma que está relacionada às demais, e todas são interpretada pelo autor em diferentes níveis de abstração¹⁶. A primeira que expusemos no exemplo anterior se trata dos diferentes níveis de produtividade em um mesmo setor. Partiremos para a segunda, cuja forma expõe a diferença entre produtividade de diferentes setores e que Marini se refere à “formação dos preços de produção e da taxa média de lucro”. Podemos entender por meio de Carcanholo que, dada a mobilidade de capitais e os diferenciais na produtividade, à medida que um capital individual consegue obter em seu setor uma mais-valia extraordinária e, conseqüentemente, um lucro extraordinário, ele acaba atraindo outros capitais para competir, o que irá alterar a taxa de lucro média daquele setor, ou então poderá pressionar todas as taxas de lucros à uma média.

[...] sectores que producen sus mercancías específicas con composición orgánica del capital (productividad) por encima de la media obtendrán un precio de producción de mercado mayor que los valores de mercado que produjeron y, portanto, venderán sus mercancías por un precio que les permitirá apropiarse de más valor del que produjeron. (CARCANHOLO, 2017, p. 79)

Portanto, há um rebaixamento dos lucros - uma tendência à equalização - até quando os investimentos se voltarem a outro setor que melhor remunera. Temos, portanto, uma média de preços de produção em nível agregado e, conforme o processo produtivo de cada capitalista individual se dinamiza, esses preços giram em torno dessa média. Para Franklin (2018), “esses desvios se compensam necessariamente”, uma vez que aqueles que vendem as mercadorias abaixo do preço médio se apropriam de outros valores que são perdidos no momento em que são vendidos acima, portanto, não havendo criação de mais-valor diante das trocas.

Por fim, o terceiro e último segredo da troca desigual está no monopólio, e que está relacionado com o último nível de abstração da lei do valor em Marx¹⁷. Em alguns mercados, há capitais que possuem um determinado grau de monopólio, e quanto mais elevado, isto é, quanto maior o poder de mercado, maior a facilidade em manter “os preços de mercado acima dos preços de produção do mercado” (Carcanholo, 2017, p. 80), possibilitando, então, auferir uma maior parcela do lucro, ao menos durante algum tempo. Neste aspecto, Carcanholo (2017, pp. 80-81) afirma que:

¹⁶ “É preciso deixar claro que quando falamos em abstrações não nos referimos a livres criações mentais que não tem compromisso com o objeto em análise. Tratamos de abstrações reais, isto é, de determinações da existência não idênticas à aparência imediata dos fenômenos, mas que nem por isso são irreais ou “menos irreais”. Na verdade, são momentos do real que transcendem o meramente empírico, apreendidos pelo pensamento, mas criado pela própria realidade social.” (Saludjian et. al, 2015)

¹⁷ Cf. Carcanholo (2017)

“Esos tres mecanismos, sólo en el plano del comercio mundial - el intercambio desigual, en los términos de Marini - nos ayudan a entender un condicionante estructural de la dependencia, pues nos permiten comprender la forma heterogénea de inserción en la economía mundial en el plano de la circulación de mercancías.[...] Esa condición estructural obliga a los capitalismo dependientes a compensar de alguna forma esa parte de la plusvalía que es transferida, para que puedan desarrollarse [...]

2.2 A Superexploração da Força de Trabalho

Uma vez que as economias dependentes perdem parte do valor produzido por meio da troca internacional, há de se obter uma forma de compensação desse valor, e é por meio da superexploração da força de trabalho que a maior parte ocorrerá. Dessa forma, consideramos, assim como os autores aqui utilizados, que a superexploração é uma categoria intrínseca às economias dependentes. Segundo Carcanholo (2017), essa categoria é uma das formas concretas que há no capitalismo para elevar o excedente do capital e conseguir expropriar uma taxa ainda maior de mais-valia, ainda que isso seja o objetivo de quaisquer nações situadas dentro do regime de produção capitalista.

é que as nações desfavorecidas pela troca desigual não buscam tanto corrigir o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias exportadas (o que implicaria um esforço redobrado para aumentar a capacidade produtiva do trabalho), mas procuram compensar a perda de renda gerada pelo comércio internacional por meio do recurso de uma maior exploração do trabalhador (MARINI, p. 11, 1973)

Portanto, é por meio dessa superexploração, ou seja, por meio de um maior excedente na produção interna, que as economias dependentes conseguirão se desenvolver, caracterizando, dessa forma, uma dinâmica específica à elas. Sabe-se que ocorrerá um aumento no tempo de trabalho excedente, e Marini (1973) busca analisar como pode acontecer esse aumento por três formas: a) o aumento da jornada de trabalho, que se refere “ao aumento da mais-valia absoluta em sua forma clássica”; b) o aumento da intensidade do trabalho, o qual se refere a uma maior produção de mercadoria dentro do mesmo de trabalho, e isso só é capaz em função da elevação da intensidade em que essas mercadorias são produzidas, ocorrendo, portanto, uma diminuição do valor que cada uma possui. Ainda nessa forma, há de se analisar a velocidade do aumento dos salários; caso esses não se elevem, ou se elevem proporcionalmente menos, haverá um valor adicional - excedente - que poderá ser apropriado pelo capitalista; por fim, temos c) a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho¹⁸, ou seja, ocorre a redução do consumo do operário para além do seu limite normal.

Marini remete à uma citação de Marx em que “o fundo necessário de consumo do operário se converte de fato, dentro de certos limites, em um fundo de acumulação de capital”, podendo, dessa forma, estar aí um dos fatores que podem implicar na crise de realização, quando se produz capital

¹⁸ Cf. Marini, 1973, p. 12

na forma mercadoria em excesso e não há demanda o suficiente, isto é, reduzindo o consumo dos trabalhadores, há uma diminuição da demanda. Logo, há uma deterioração da reprodução do trabalhador, tendo em vista a remuneração que recebe abaixo do valor real de sua força de trabalho, pois esse trabalhador se remunera em formas cada vez mais decadentes e não há muito de o que reclamar, diante de um enorme exército industrial de reserva. Ainda que não reclame, ao se mostrar improdutivo, evidentemente, será trocado por alguma outra das centenas de milhares de mão-de-obra disponíveis, até que volte a se repetir o episódio.

À vista disso, podemos entender como é feita a extração do valor das economias dependentes, tendo um “capital maior” que “rege” a dinâmica nesse espaço e que, portanto, impõe uma remuneração, além das formas de transferência de valor que acontecem “naturalmente”, resultando em apropriação e acumulação. Carcanholo (2017) discute uma quarta forma de superexploração, sendo que essa considera as “determinações sociais e históricas dadas”, de maneira a implicar em uma aumento do valor da força de trabalho, isto é, já que se explora mais, então se empenha mais trabalho com o passar do tempo, devido às formas de aumento do excedente, portanto ocorre um desgaste, sobretudo diante de um não reajuste proporcional dos salários. Para além disso, acreditamos que o debate fica em torno do exército industrial de reserva e da fácil rotatividade de mão-de-obra.

Reiteramos que uma das maiores particularidades da dependência é a tecnologia, todavia o que não é específico¹⁹ às economias periféricas - ainda que confundido por muitos - são as formas de aumento da extração da mais valia, ou do aumento do excedente do capital, como já relatado, as quais também são aplicadas no centro do capitalismo. Entendemos que há um efeito contraditório no que tange à transferência de valor - esta, portanto, é a característica central das economias dependentes -, e concordamos que

Lo específico del capitalismo dependiente es que, para enfrentar la transferencia de valores - y ésta en su característica central, distinta a las economías centrales -, no tiene la alternativa de elevar la productividad, frenando dicha transferencia. Esto tiene que ver con varias cuestiones, pero una de ellas, clave, es que la dependencia, entre otras cosas, es, sobre todo, dependencia tecnológica. El significado de esto es que el desarrollo de las fuerzas productivas, en términos medios, tiende a ser inferior en las economías dependientes, reforzando los mecanismos de transferencia de valor. CARCANHOLO, p. 85, 2017

3. A CRISE NO CAPITALISMO

A manifestação da crise do modo de produção capitalista é apenas mais um caráter do ciclo de reprodução do ciclo do capital, atingindo tanto o centro quanto a periferia deste sistema, portanto,

¹⁹ Cf. Carcanholo, 2017, p. 85

buscaremos analisar o padrão de acumulação de capital das economias periféricas a fim de caracterizar a manifestação e a causa dessa crise.

Apontamos aqui, então, como sugere Carcanholo, que após irromper uma grave crise em 2007/8, devemos atentar para dois fatos²⁰: o de que há um caráter cíclico no regime de acumulação de capital, uma vez que se observa certa periodicidade no padrão de reprodução, sendo que tal caráter obriga o uso da teoria marxista para o estudo do fenômeno crise, sendo uma teoria capaz de compreender os movimentos do capital, dada sua historicidade e caráter dialético inerentes.

Em segundo fato, quando se estuda a dinâmica capitalista, sabe-se que boa parte dos movimentos do capital não são regulares, probabilísticos ou que seguem algum comportamento específico e sem choques exógenos²¹. Carcanholo afirma que o caráter do processo de acumulação de capital é tendencial, uma vez que ele segue as leis de funcionamento do capitalismo, isto é, assim como a Lei Tendencial da Queda da Taxa de Lucro, que rege todo o processo concorrencial e que dinamiza boa parte das variações da produtividade. Ainda que haja toda a diferença teórica entre lucro e mais-valia, que esses não se resumem a todo o excedente do capital e que massa se difere de taxa, concordamos com as leis tendenciais propostas por Marx.

Resumidamente, as tendências são potencialidades que podem ser exercidas ou agem sem serem diretamente realizadas ou manifestadas em um resultado particular. [...] Um estado de tendência, em outras palavras, não é uma sentença condicional de algo real ou empírico, mas um estado incondicional de algo não efetivo e não empírico. Não é uma declaração de necessidade lógica sujeita a condições *ceteris paribus*, mas um estado de necessidade sem qualificações adicionais. Não é sobre o que teria acontecido se as coisas fossem diferentes, mas um poder é exercido independentemente dos eventos. Lawson, 1997, p. 23 (apud CARCANHOLO, p. 18, 2012, tradução nossa)

Em contraste com a teoria convencional - neoclássica -, Carcanholo reforça que “a crise não é um evento ocasional, fortuito, exógeno e meramente probabilístico”, ou seja, não dá para empregar a crise dentro de um mero modelo matemática-estatístico-econômico.

Ainda sobre a declaração de Lawson, vemos que as tendências não buscam analisar do ponto de vista isolado dos fatos o que poderia ocorrer com os fenômenos caso a dinâmica tivesse ocorrido de outro modo, isto é, observa-se, portanto, do ponto de vista da totalidade, a linha de tendência dos fenômenos que, dado uma série temporal no longo prazo, pode-se observar uma tendência²², que decorre sem alterações sobre o curto prazo. E é pela totalidade que se explica a crise capitalista.

Dado que a lógica tendencial do capitalismo aponta para o processo de acumulação de capital, conseqüentemente ela possui uma lógica que segue uma linha cujo resultado é a crise e, ao mesmo tempo, a solução para a crise. Se em algum período a economia entra em crise, haverá o momento seguinte em que ela se recuperará dos efeitos desse fenômeno, ou seja, o período de crescimento,

²⁰ Ibidem. p. 27

²¹ Apesar de ser um termo que se utiliza bastante na teoria neoclássica, apenas quero mostrar que há fatores exógenos que interferem na dinâmica do capital, mostrando sua relação com diversas variáveis.

²² A redundância foi necessária para explicar o fato.

caracterizando a alternância do ciclo. Como cada período de recessão/depressão tem sua origem em problemas diferentes - conjunturalmente e, por vezes, estruturalmente - isso quer dizer que o capital irá buscar sua recuperação sob diferentes condições, configurando, portanto, um novo processo de acumulação, logo, um novo ciclo de reprodução, como ocorreu na crise estrutural enfrenta a partir do final da década de 60, sobre uma reestruturação produtiva.

Dada essa nova configuração, Carcanholo (2017, loc.Cit.) afirma que “éste, a su vez, desarrolla nuevamente las contradicciones del capitalismo, que resultarán en un nuevo momento de crisis, y así sucesivamente. Esto define, objetivamente, las crisis cíclicas del capitalismo como un fenómeno regular y necesario dentro de este tipo de sociabilidad”. Dessa forma, se o fenômeno é, como definimos, regular e necessário, não há a possibilidade de as políticas econômicas acabarem com o ciclo, embora possam aumentá-lo ou retardá-lo. Ainda que o capital sempre crie novos padrões de acumulação e reprodução, não é possível estimar em que período poderá irromper outra crise, assim como no caso da manifestação de uma nova crise não há meios para saber o período em que ela irá findar-se²³.

3.1 O fenômeno

O sistema capitalista é um completo processo cíclico, o que significa que em todo seu processo histórico ele vem acumulando formas de expansão e esquemas de extração de valor, e Carcanholo (2017) nomeia esse desencadeamento como processos cumulativos, porém esse processo refere-se às propagações dos pontos de inflexão/rupturas, os quais são entendidos como a recuperação do processo de acumulação após ocorrer a crise e “a economia continua a crescer porque já vinha crescendo”, sendo um efeito propagador de um período anterior. Da mesma maneira ocorre se a economia encontrava-se em recessão, ela irá propagar esse efeito para o período seguinte.

O autor questiona, além disso, o porquê de o processo cumulativo não ocorrer para sempre²⁴. Entendendo isso de outra forma, significa que a aceleração econômica que ocorre após o período de crise cria outro ponto de inflexão, alterando a taxa de crescimento. Se pensarmos a partir do que dissemos há pouco, saberemos que o processo cumulativo não é absoluto e há de se entender quando existe os pontos de inflexão, isto é, quando a economia deixa de crescer por já estar crescendo. Por conseguinte, a teoria marxista das crises possui como último requisito sua capacidade de percepção dos pontos de inflexão no ciclo do capital, os quais possuem ramificação da irrupção anterior, podendo ajudar no entendimento da ocorrência do fenômeno.

²³ Cf. Carcanholo (2017)

²⁴ *Ad eternum*

A característica objetiva da crise é o fato de que elas são desdobramentos dialéticos dentro de uma unidade²⁵ - produção e circulação - e concede à teoria marxista um melhor método para entendê-la, ainda que seja capaz de esconder inúmeras contradições inerentes ao modo de produção²⁶. Carcanholo trabalha com a hipótese de que a causa do fenômeno está relacionada ao processo de acumulação do capital, e reforça ainda a ideia de não poder haver equívoco entre as causas e as manifestações da crise, sendo que a causa está na dialética entre o trabalho privado e social e a manifestação em como a crise se apresenta, a exemplo, a crise de superprodução. O desdobramento se dá a partir de uma já queda da taxa de lucro que, conseqüentemente, afetará o processo de acumulação de capital, logo, ocorrerá uma diminuição dos investimentos antes feitos pelos capitalistas. As reduções desses investimentos implicam na queda das compras dos meios de produção, o que afeta também os trabalhadores, longo, a demanda – o consumo. Essa é uma das maneiras, conforme Souza (2013) em que a taxa de lucro rompe a o processo unitário que há entre produção e circulação.

Mas esta não é uma mera superprodução de mercadorias, mas fundamentalmente superprodução de capital. Isto não só porque os meios de produção em excesso são formas de manifestação do capital, mas também porque a superprodução revela que há demasiado capital para valorizar-se à antiga taxa de lucro, ou seja, que a taxa de lucro reduzida não é suficiente para valorizar o capital. [...] para recuperar seu antigo nível de valorização, o capital tem que se desvalorizar, propagando ainda mais a crise. (SOUZA, 2013, p. 210)

Dada toda a ideia já exposta, entendemos que a crise está ligada à acentuação das contradições que emergem no desenvolver da economia capitalista. Dessa forma, consideramos de grande importância a unidade contraditória que há entre a produção e a circulação de mercadorias para identificar, assim, o problema na acumulação de capital e, conseqüentemente, na reprodução e crise.

La divergencia entre el carácter limitado de la producción del valor-capital y su realización en la esfera del consumo ocurre porque el objetivo del capital es la apropiación de la plusvalía en la forma de ganancia, y ésta se concretiza en el plano de la particularidad, esto es, según la lógica privada que caracteriza la esfera de la circulación de mercancías, independientemente de las necesidades social del consumo. (CARCANHOLO, 2017, p. 26)

Podemos entender tal contradição a partir do grau de desenvolvimento que o capitalismo atingiu, principalmente no que se remete à autonomização dos capitais, tendo cada um sua especificidade, ainda que não sejam independentes, em virtude de todos ainda estarem integrados ao ciclo do capital industrial - o ciclo do capital por completo, o ciclo em que todos os capitais estão inseridos. E é a partir disso, da exacerbada autonomia²⁷ (relativa), que reforça a oposição forte entre produção e circulação, sendo essa fase de extrema importância tendo base que é nela que ocorre a realização

²⁵ “El proceso en su conjunto se presenta como una unidad del proceso de producción y del proceso de circulación; el proceso de producción sirve de mediador del proceso de circulación, y viceversa” Carcanholo, 2017, p. 23 (Apud. Marx, 1968, tomo II, p.90)

²⁶ Cf. Carcanholo (2017, p. 21)

²⁷ “La crisis ocurre porque el proceso de producción y el de realización tienen lógicas propias, distintas, que sólo se adecuan dentro de la unidad (dialéctica) del proceso total” Carcanholo (2017, p. 26)

da mais-valia, a qual se integra ao regime de acumulação. Portanto, se há qualquer desvio da “normalidade” do padrão de acumulação, haverá crise. Logo, Carcanholo aponta que crise irrompe no momento em que “la tendencia a la exacerbación del proceso de producción del valor-capital encuentra su límite en la crisis” e conclui que a unidade se restabelece a partir do momento que surge a crise, isto é, o limite da reprodução do capital para aquele ciclo.

Carcanholo faz uma importante citação de Wolff²⁸ em que “la crisis es, finalmente, la ruptura de la unidad, la interrupción de la acumulación”, bem como já havíamos demonstrado e que a crise também é “una (re)afirmación de la unidad de los contrarios” e finaliza afirmando que “para Marx, las unidades producen desuniones que producen reunificaciones: la acumulación produce crisis que vuelven a comenzar la acumulación”

O próprio desenvolver da produção de capital e da acumulação “tende a impulsionar uma produção ilimitada de valor-capital” (Carcanholo, 2017, p. 25) que implica em uma alteração no nível de consumo, porém cria barreiras ao se deparar com o imenso volume de capital²⁹ (mercadoria, dinheiro e produtivo) que não consegue valorizar. Dessa maneira, Marx (1968) considera o capital como o ponto de partida e a origem, isto é, o motivo de produzir e a razão para parar/reduzir a produção. Em suma, a superprodução de capital assume diversas formas, e essa superprodução já é a manifestação do fenômeno crise, em que o capital produz muito em relação a si mesmo e possui a taxa de lucro como um “termômetro” desse exacerbação, em que ocorre, conjuntamente, uma desvalorização do capital produzido, uma vez que não consegue realizar o valor produzido.

3.2 A crise sistêmica atual

Diante da atual crise estrutural do capitalismo, não há muitas escolhas de análise senão retornando à sua última crise, que se deu nas décadas de 1960³⁰ e 1970, uma vez que o que vivemos hoje diante desse processo histórico são desdobramentos da última crise do capital, de tal modo que são as manifestações das contradições inerentes a ele que voltaram a se propagar, todavia sobre uma nova configuração. Sem alterações na base de manifestação da crise, a última ocorrida também foi em razão da superprodução de capital, isto é, uma superacumulação de meios de produção, causando, conseqüentemente uma queda da taxa de lucro. À vista disso, Carcanholo reforça que “a superacumulação de capital em todas suas formas e a baixa taxa de lucro são as duas caras do mesmo processo”, ou seja, da crise.

²⁸ Wolff, Richard D. *Marxian Crisis Theory: structure and implications*, Review of Radical Political Economics, vol. 10, n. 1, pp. 47-57.

²⁹ “Ainda que não se confunda com o dinheiro ou com os meios de produção, em seu movimento, enquanto relação social, valor que se valoriza, o capital tem que passar continuamente por estas formas, ora manifestando-se como dinheiro na circulação, ora como meios de produção e força de trabalho no processo produtivo, ora como mercadoria na circulação” (Souza, 2013)

³⁰ Nessa época surgia os primeiros estudos acerca da Teoria Marxista da Dependência

Para superar a crise do final da década de 60, partindo da perspectiva teórica que aponta para uma crise de superprodução, o capital não tinha muitas escolhas senão procurar novos mercados a fim de completar o processo de valorização, mas não somente, ele também teve de buscar, sobretudo, uma nova reestruturação para seu regime de acumulação, atingindo, por conseguinte, os espaços em que o capital costuma se valorizar, bem como ampliá-los³¹. A partir disso, começa a configuração para o que se chama na literatura marxista de *capitalismo contemporâneo*. Carcanholo (2017) indica isso como a resposta para o capitalismo em crise, e tal resposta inclui: a) reestruturação produtiva, alterando o tempo de produção e rotação do capital, bem como redução dos custos produtivos; b) reformas estruturais nos mercados de trabalho, mudando o padrão de acumulação do capital, sobretudo nas economias periféricas e mudando a relação entre centro e periferia; c) como consequência do anterior, há elevação do valor produzido nas economias dependentes, de tal modo que altera também a quantidade apropriada pelos países dominantes, na medida em que desenvolve o processo concorrencial; d) expansão dos mercados, bem como a abertura comercial e liberalização; e por último e) mudança na lógica do capital que rege a acumulação, para aquele conhecido como capital fictício³², sendo este último um dos elementos mais importantes para apontar o novo comportamento que o capitalismo toma a partir dessa crise estrutural.

Isto posto, há de trabalharmos aqui a categoria capital fictício. Desta forma, esta categoria é uma das formas que o capital assumiu nas últimas décadas - devido aos aspectos mencionados acima - alterando assim a forma produtiva e muito de o que entendíamos a respeito de riqueza e produção de valor, bem como a complexificação das relações de produção e sociais, cuja importância esvaece com o passar do tempo. A esfera financeira que esse capital ocupa é uma esfera paralela àquela em que, de fato, há produção de valor, isto é, ela diverge da esfera real da economia capitalista. A forma de autonomização que esse capital assume é espetacular do seu próprio ponto de vista, a partir do momento que ele cria sua forma de “produzir” mais valor em formas fictícias em valores muito superiores ao que sempre se observou na esfera real. E pode-se examinar que a forma fictícia se fez necessária para a velocidade que o capital exigia em seu momento histórico, como o aumento de sua rotação, a criação ainda mais acelerada dos elementos de reprodução e acumulação, portanto aumentando a velocidade de emersão das crises.

El capital ficticio posee un carácter dialéctico, como desarrollo del proceso de sustantivación de las formas del capital total. Si, por un lado, permite formas de financiamiento (crédito para capital) que no podrían constituirse de otra forma, en función, por ejemplo, de la enorme masa de capital requerido para un emprendimiento, por otro acelera en mucho el tiempo de rotación del capital, una vez que permite disminuir principalmente los tiempos de compra del capital productivo CARCANHOLO, 2017, p. 39

³¹ Cf. Carcanholo, p. 29, 2017

³² E por que devemos chamá-lo de capital fictício? A razão está no fato de que por detrás dele não existe nenhuma substância real e porque não contribui em nada para a produção ou para a circulação da riqueza, pelo menos no sentido de que não financia nem o capital produtivo, nem o comercial. Carcanholo e Sabadini, 2009, p. 43

Segundo Carcanholo e Sabadini (2009), “o fato de que o capital fictício seja, ao mesmo tempo, fictício e real deve parecer-lhes simplesmente uma contradição em termos. E é justamente nessa dialética real/imaginária que o conceito ganha toda sua pertinência”, ou seja, o capital fictício não está ligado diretamente à produção de valor, mas esta forma que o capital assume está relacionada com aquela mais básica, a do capital produtivo, que não deixa de ser necessária em momento algum na produção de valor. Por ser um capital, ele também exige remuneração, e esta só é possível de acontecer por meio das transferências de valor de uma esfera (produtiva) para outra (financeira³³) - que apropria valor -, contudo, por guardar uma relação complexa e contraditória, não será sempre que o excedente produtivo será capaz de remunerar o lado financeiro.

A dinâmica de valorização do capital produtivo se dá diante das diversas formas, porém, quando se trata do capital fictício, sua natureza é de que sua valorização seja meramente especulativa, e por ter esse caráter, acaba atingindo valores jamais atingidos na sociedade capitalista, ocorrendo um descolamento da esfera produtiva. Esse descolamento intensifica cada vez mais na contemporaneidade do capitalismo, e o resultado disso é a dominação do processo de acumulação por essa nova forma que o capital sustenta.

Se há uma excessiva massa de capital fictício produzida, isso significa uma exigência de uma remuneração³⁴ equivalente³⁵, porém isso não será possível, mesmo que a economia esteja em seu momento de crescimento, pois a esfera financeira produz muito acima do que a esfera real poderia ser capaz de remunerá-la. O resultado? Crise. O capital fictício produzido em excesso irá se desfazer como “fumaça”, da mesma maneira que se instaurou na economia.

Quando una masa creciente del capital total se especializa en la mera apropiación de valor, y éste no es producido en la misma magnitud, prevalece la disfuncionalidad del capital ficticio para el modo de producción capitalista. Se producirá capital (ficticio) en exceso, con relación a su capacidad de valorización. Como vimos, la superacumulación de capital se desdobra en crisis y caída de la tasa de ganancia. CARCANHOLO, 2017, p. 40

Quando pensamos a respeito da crise de realização, ela pode se dar tanto na esfera produtiva, quando há demasiada quantidade de capital e não consegue realizar a mais-valia produzida, quanto na esfera financeira, momento em que pode ocorrer empréstimos - capital a juros -, especulação e a compra de ações que dá o direito de se apropriar de um excedente que *ainda* será produzido, de tal forma que haverá uma espera pela apropriação de um lucro e dos juros que poderão não conseguir ser realizados. O oposto pode ocorrer também, quando a crise atinge primeiramente os mercados financeiros atrapalhando as decisões de investimentos dos empresários em função da queda dos

³³ A esfera financeira é composta pelas ações, títulos do governo, da dívida pública e outros.

³⁴ Como o capital fictício está distante da esfera real de produção de valor e mais-valia, sua forma de remuneração é outra, denominada por Carcanholo e Sabadini (2009) como *Lucros Fictícios*. É importante deixar claro que se trata de uma categoria que não foi desenvolvida por Marx, mas pelos seus elementos teóricos deixados, uma vez que em sua época não existia a fase da financeirização do capital.

³⁵ Equivalente em relação à massa fictícia produzida, mas o capital fictício quer se apropriar de uma mais-valor para além de aquele que ele tem direito.

lucros e taxas de juros, que a nível global diminui o fluxo de capital e a massa produzida. Há, portanto, um desequilíbrio, isto é, uma contradição, entre o lado real e financeiro da economia em questão, tanto na economia dependente quanto na dominante.

Todo o exposto se relaciona com a dependência a partir do momento em que “por la dialéctica del capital ficticio, por un lado, su funcionalidad contribuye, indirectamente, a la mayor producción de plusvalía al reducir el tiempo de rotación del capital total y, por otro lado, porque esa forma sustantivada de capital exige, en la dialéctica que conforma el capital, una mayor explotación del trabajo” (Carcanholo, 2017, p. 42). Como nesse momento histórico do capitalismo há uma reestruturação da forma produtiva para adequar à substantivação do capital, bem como o crescimento exacerbado da massa de capital fictício e, sobretudo, uma elevação da exploração da força de trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a categoria valor no capitalismo e sua relação com as crises é quase que entender sua completude, é entender a substantivação do valor e até que ponto ele pode e deve ser produzido, portanto, é entender a dinâmica do capital industrial. As crises, dialeticamente, atrapalham o crescimento do capital ao mesmo tempo em que o direciona a procurar por outras configurações de sua própria reprodução e, portanto, de sua acumulação. Portanto, a manifestação do fenômeno não ocorre sem alguma razão, podendo sinalizar problemas no capital produtivo, na extração de valor - que possui seus limites - ou nos ciclos de reprodução do capital. A crise é, simultaneamente, a origem e o fim do capital, está em sua essência, logo, não há capitalismo sem crise.

Como as economias dependentes são caracterizadas exclusivamente pela forma em que fazem a transferência de valor - portanto, a consequência disso é as formas de elevar a taxa da mais-valia - elas têm uma dinâmica diferente de aqueles países do centro capitalista, sendo que as economias periféricas perdem valor por meio da troca desigual, contribuindo para acumulação do centro. Contudo, ao perderem valor diante de uma apropriação, em razão da composição orgânica do capital, elas têm de compensar essa perda por meio da superexploração da força de trabalho e dos baixos salários, uma vez que não conseguem atingir o mesmo nível de produtividade, sobretudo em razão da dependência tecnológica. Dessa forma, nem mesmo os países dominantes irão querer ofertar tecnologias superiores para a periferia do capitalismo, uma vez que o aumento da produtividade freia as transferências de valor.

Dessa forma, e diante da reestruturação produtiva pela qual passou a América Latina após a década de 70, esses fatores foram se intensificando ainda mais, de tal modo que vem intensificando cada vez mais a dependência. Isso significa que, uma vez dentro dessa especificidade, as economias dependentes agudizam essas características justamente por serem subordinadas aos países do

centro. Assim, se as economias dependentes geram valor em suas condições para além de aquelas em que deveria e têm seus valores apropriados pelos países dominantes a fim de que colabore com o regime de acumulação, podemos dizer, logo, que a trajetória de desenvolvimento das economias dependentes estão “alinhadas” ao desenvolvimento do centro; é uma trajetória semelhante, embora atrasada.

As crises nunca ocorrem com base em fatores isolados no espaço ou no tempo, mas sim em relação ao conjunto deles, isto é, por meio de determinantes conjunturais e estruturais. A crise que vivemos hoje está relacionada aos desdobramentos ainda da crise do subprime em 2008, por mais que seja poucos os reflexos, caracterizando os processos cumulativos. Já quando olhamos da totalidade do capitalismo, ainda registra, como efeitos do longo prazo, a tendência decrescente da queda da taxa de lucro, o que não quer dizer que os capitais investidos estejam tomando prejuízos, e que, sim, a taxa de lucro é inferior à que se manteve até antes da última crise financeira, o que fica difícil a se enxergar do ponto de vista isolado e individual, ou por meio de outra teoria, senão a marxista.

A utilização da teoria marxista é imprescindível para fazer a análise do fenômeno crise, uma vez que não se trata de modelo matemático, estatístico ou econômico, tampouco um manual e uma teoria pronta e acabada, portanto, não há definições, e sim, categorias. Se a teoria é de fato marxista, ela deverá se reconstruir em função da própria historicidade do objeto que ela trata e que procura entender, formalizando as leis tendenciais, as quais se complexificam ainda mais no capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marisa Silva. **Teorias do imperialismo e da dependência: a atualização necessária ante a financeirização do capitalismo**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis: una interpretación desde Marx**. Maia, 2017.

CARCANHOLO, Reinaldo; SABADINI, Maurício. Capital fictício e lucros fictícios. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 24, p. 41-65, 2009.

FRANKLIN, Rodrigo S. P.. O que é superexploração? **Economia e Sociedade**, 2018, no prelo.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialéctica de la dependencia**. México: Era, 1973.

MARINI, Ruy Mauro. O ciclo do capital na economia dependente. Em: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. Boitempo Editorial, 2012. pp. 21-35.

MARINI, Ruy Mauro. Plusvalía extraordinaria y acumulación de capital. **Cuadernos Políticos**, v. 20, p.18-39, 1979.

MARX, Karl. **O capital**: critica da economia politica. 5. ed. -. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. **Teorías de la plusvalía**. 1974.

PAZ, Pedro. El enfoque de la dependencia en el desarrollo del pensamiento económico latinoamericano. **Economía de América Latina**, v. 6, 1981.

SALUDJIAN, A. N. ; MIRANDA, F. F. ; CARCANHOLO, M. D. . **Marx, marxismo e mercado mundial: lei do valor, método e historicidade**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

SOUZA, N. A. de. Teoria marxista das crises, padrão de reprodução e “ciclo longo”. **Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini**. Brasília: Ipea, p. 189-228, 2013.